

«A MINHA IDA ÀS SORTES»

Numa cálida noite de Junho do ano de 1963 a Estação de Santa Apolónia registava, contrariamente ao que era habitual, um reduzido movimento.

Os altifalantes da gare anunciavam, com um som distorcido e pouco perceptível, que o comboio correio 1310, com destino a Valência de Alcântara, ia partir às vinte e duas horas e quinze minutos e efectuava paragem em todas as estações e apeadeiros.

Ocupei um lugar junto à janela, no intuito de me recostar para tentar dormir um pouco, pois a viagem iria ser longa. Porém, quer a pouca ou nenhuma comodidade dos bancos, quer ainda os movimentos bruscos que a locomotiva (hoje, certamente, já peça de museu) fazia, ao reiniciar a marcha após as diversas paragens que efectuava, eram factores justificativos para que não conseguisse dormir.

A razão desta viagem tinha a ver com a inadiável presença, no dia seguinte, no Quartel de Portalegre, para ser submetido à minha inspecção militar.

Por imperativos profissionais e também por me encontrar em época de exames, fui obrigado a utilizar o transporte que me desse possibilidade de, à hora marcada do dia seguinte, “responder à chamada”.

Entretanto, o velho comboio lá seguia a sua marcha que, a partir do Entroncamento, se tornou ainda mais lenta uma vez que a locomotiva, naquela estação, foi substituída por uma outra movida a carvão.

Entre as estações de Ponte de Sor e de Torre das Vargens, percurso longo, ainda “passei um pouco pelo sono”, o que me reconfortou de certo modo para enfrentar o resto do dia que se adivinhava movimentado.

Finalmente, cerca das cinco horas, o comboio chegou a Vale do Peso. Fui o único passageiro a desembarcar. Refira-se, em abono da verdade, que poucos mais havia na carruagem.

No cais apenas se encontrava o Factor de 2.^a classe, que empunhava, numa das mãos, a tradicional bandeira vermelha enrolada no seu suporte, e na outra, o obsoleto candeeiro alimentado a petróleo, irradiando uma tênue luz vermelha. Ambos os objectos, com funções de sinalética, serviam para dar ordem de partida ao maquinista do comboio.

Os cinco quilómetros que separam a Estação de Vale do Peso e Alpalhão, localidade onde residiam os meus pais, foram percorridos no único meio de transporte disponível àquela hora da madrugada, um veículo de tracção animal puxado pelo “garoto”, bonito cavalo da raça “Alter” puro, segundo julgo, e que era conduzido pelo meu pai.

O percurso foi rápido. O «morno silêncio da madrugada», donde sobressaía o trotar cadenciado do «garoto» sobre o asfalto, serviam de «música de fundo» para o diálogo que travámos, eu e o meu pai, até chegarmos à vila que se encontrava ainda «adormecida».

No firmamento fulgiam já poucas estrelas, sinal que o arrebol não tardaria a despontar, com todo o seu esplendor, lá para os lados da Serra de S. Mamede cujos contornos se vislumbravam palidamente.

A minha mãe aguardava-me com ansiedade e saudade, dado que já haviam decorrido seis meses desde a última vez que nos tínhamos visto. Acontecera no Natal de 1962.

Na cozinha, aguardava-me já, sobre a mesa, um succulento pequeno almoço composto por umas «aveludadas» fatias douradas e uma omeleta, daquelas que eu tanto gostava, e que só a minha mãe sabia fazer, servindo-se para isso de frescos ovos, dádiva das laboriosas e bem tratadas galinhas poedeiras.

Enquanto eu deglutia aquela opípara primeira refeição do dia, com alguma avidez, diga-se, a minha mãe, de quando em quando, lá ia dizendo : — Era tão bom, filho, que «Deus se lembrasse» de te livrar da tropa!

Ao que o meu pai respondia:

— Deixa-te de ilusões rapariga, então não sabes que eles agora aprovam toda a gente! Além

disso o rapaz não é nenhum aleijado!

Entretanto, enquanto sorvia um aromático café, atalhei:

— A mãe não se lembra do Zé da Quinta, que tinha pequena deficiência numa perna e mesmo assim ficou aprovado para todo o serviço militar!

Perante estes argumentos, não voltou a falar mais no assunto.

Passada uma hora a camioneta remansosa, mas cumpridora do seu horário, chegava à paragem. O cobrador, no seu rito habitual, colocou a escada amovível, situada na retaguarda do veículo, subiu para o tejadilho e gritou: — Os cestos e os cabazes cá para cima. Não quero nada dentro da camioneta!

Com uma perícia de fazer inveja a qualquer malabarista de circo, o cobrador, com um gancho apropriado, recebia os haveres dos passageiros, que acomodava com ligeireza no topo da camioneta.

Sentado no meu lugar aguardava pela partida já um pouco intranquilo, uma vez que tinha de estar às dez horas no quartel de Portalegre. A minha companheira de banco, que se deslocava ao hospital para uma consulta, «metralhou-me» com perguntas durante o percurso, o que, de certa forma, aumentou ainda mais a minha impaciência. Delicadamente e com respostas evasivas, lá lhe fui dando atenção.

Finalmente, e na hora marcada, chegámos.

Dirigi-me de imediato para o quartel, onde se encontravam já os «mancebos» de Alagoa, minha terra natal. Seriam uns doze ou treze.

Recordava-me apenas de meia dúzia deles, uma vez que os meus pais foram residir para Alpalhão quando eu era ainda criança.

Passados poucos minutos, um militar com umas divisas encarnadas, aparentando uns trinta anos (deveria ser militar de carreira), com voz seca e autoritária, ordenou-nos que subíssemos ao primeiro andar e aguardássemos novas ordens.

Um dos elementos do grupo, querendo fazer graça, disse uma piada qualquer. O cabo, (mais tarde viemos a saber que as divisas encarnadas eram de cabo) advertiu-o, dizendo-lhe com tom ainda mais severo: — Vê lá se levas já uma “porrada” antes da inspecção. Respeitinho, estás a ouvir!!!

Pensei para com os meus botões: — isto está a começar bem...

Já reunidos no primeiro andar, como nos tinha sido ordenado, um outro militar, mas sem divisas, indicou-nos uma sala dando as seguintes instruções: — Agora vão todos ali para dentro “despem-se todos nus”, (recordo com graça esta frase) e assim que vos chamarem, um a um, dirigem-se rapidamente para a sala ao lado.

O compartimento, além de exíguo, tinha como único mobiliário um banco corrido onde era colocada a nossa roupa. Nem uma cadeira, nem uma mesa.

Decorridos uns longos minutos fui chamado. Entrei, como me sentenciaram, na sala ao lado e deparei com um ambiente que mais parecia uma sala de «Audiências”.

Numa mesa, do lado esquerdo da entrada, encontravam-se três senhores fardados “transportando” aos ombros muitos galões dourados, mais à direita, noutra mesa, outro senhor que tinha umas divisas douradas, e a um canto da sala uma enorme balança e um instrumento de medição, aparelhos estes à guarda dum outro militar que não tinha nem galões nem divisas.

Eu, no centro da sala e desprovido de qualquer indumento, aguardava, em atitude submissa, que me fosse dirigida a palavra, até que um dos senhores de galões, sem levantar a cabeça dum enorme livro de registos, foi perguntando, em catadupa: Nome, profissão, idade, etc.

Lá ia respondendo dentro da minha “humilde posição”, quando um outro militar, já duma certa idade, devia ser o médico chefe, se levanta e pergunta:

— Sofres de alguma doença, rapaz? Respondi-lhe que não. Certamente não o fizera com o timbre desejado, visto o militar me interpelar de novo : — Tens medo de falar? Fala alto, pá, aqui ninguém te faz mal!

Após esta reprimenda, aprontou o estetoscópio e lá ia solicitando, com voz de comando:

— Respira fundo ... Não respire...Enche o peito de ar...

O militar de serviço aos aparelhos de medição e pesagem, muito compenetrado no seu trabalho, comunicava, em voz alta, para a mesa do Comando:

— Um metro e setenta e seis. Sessenta e oito quilos.

Como se tudo isto tivesse alguma influência para o meu apuramento.

— Podes retirar-te. — disse um dos oficiais que falara pela primeira vez.

Em escassos segundos percorri o espaço que separava as duas salas, com o intuito de me ataviar o mais rapidamente possível, não por questões de preconceito, mas sim por achar toda aquela encenação um perfeito absurdo.

Aconteceu, porém, que, quando entrei no «vestíbulo», deparei com os meus camaradas de «sortes», já inspeccionados, envolvidos em brincadeiras tão levianas e despropositadas tais como embaralharem ou esconderem as roupas uns dos outros. Esta situação levou-me a aguçar ainda mais o desejo pela chegada das catorze horas, horário da camioneta que me levaria a Alpalhão.

Sem grandes expectativas, aguardava-se o resultado da inspecção o qual foi afixado numa das paredes fronteiriças ao nosso “camarim”, pelo tal militar que tinha duas divisas encarnadas e que, em tom mais sereno, disse: — Quem quiser comprar as fitas para colocar na banda do casaco tenho-as aqui à venda a 2\$50 cada. Recorde-se que era tradição, quando se tiravam «sortes», colocar uma fita na lapela do casaco cuja cor identificava a sorte de cada um: O verde significava **apurado para todo o serviço militar**, o amarelo **esperado** e o vermelho **livre do serviço militar**.

Escusado será dizer que o militar só vendeu fitas verdes.

A partir de agora e de fita ostentada na lapela esquerda do casaco, iriam começar os festejos das «sortes», com duração de três dias, para os meus camaradas de inspecção, uma vez que eu teria que seguir, como já disse, rumo a Alpalhão para, em final de tarde, viajar até Lisboa onde, no dia seguinte, tinha exame no Liceu Camões.

Muito sinceramente não fiquei com pena de não os acompanhar nos festejos. Eu sabia muito bem qual era o “programa das festas” uma vez que, desde pequeno, assistia em Alpalhão a estes rituais: muitos petiscos, muita embriaguez e alguns desacatos provocados por isso mesmo. As «sortes» eram para os rapazes da vila aquilo que se poderia chamar a sua emancipação: Fumar e beber uns copos na taberna, na presença dos pais, era uma das permissões concedidas após a inspecção militar.

Entretanto, e não querendo ser desmancha prazeres, acompanhei-os, no pouco tempo livre que tinha, na descida da Avenida principal de Portalegre onde, ao som da concertina que entoava um corrinho da autoria de Eugénia Lima, se manifestavam efusivamente.

Duas horas depois, já em Alpalhão, os meus pais esperavam-me na paragem da camioneta. A minha mãe, naquela utópica esperança de me «livrar da tropa», ao ver a fita verde, exclamou com duas lágrimas a resvalarem-lhe pela face: — Ai filho, sempre ficaste apurado!

Esta exclamação não passou dum desabafo pois no seu íntimo, estou certo, ela nunca acreditou que eu me livrasse.

Durante o almoço, participado também pelos meus avós paternos que residiam na vila, o meu avô, homem já de propecta idade, a certo passo dirige-se a mim e diz:

— Sabes meu neto, sinto-me muito contente e orgulhoso de ti porque a partir de agora tu és um homem. De seguida, meteu a mão na algibeira e deu-me uma nota de 50\$00, atalhando: — Toma, é a tua prenda por teres ficado apurado “p’rá tropa”.

Já em final de tarde, de regresso a Lisboa e sentado, desta feita, num cómodo lugar na automotora TER, que fazia a ligação entre Madrid e Lisboa, o meu pensamento não ia para os factos que me aconteceram durante o dia, nem tão pouco para a matéria do exame que tinha que realizar no dia seguinte. Apenas ouvia, ao ritmo do característico som que as rodas da automotora produziam nos carris : — “és um homem”, “és um homem”, “és um homem”, “és um homem”...

Pudesse eu ter hoje aquela nota de 50\$00. Guardá-la-ia sem dúvida como recordação. Descansa em Paz avô, porque estou certo não ter desvirtuado os teus ideais a meu respeito já que, julgo não me enganar, cumpri a «tropa» como tu querias, com dignidade...